SEC. II.

trado?—A origem não foi outra senão a de haver sido por este lado que primeiro chegaram aos Europeos as noticias mais averiguadas das riquezas do Perú, acompanhadas de amostras de prata [1], da mesma forma que á foz do Amazonas [2] chegariam com algumas mostras de ouro, para dar origem á fabula do El Dorado. Nem fôra verosimil que com as aguas navegaveis que baixavam, desde tempos immemoriaes, dos ricos estados do Inca á foz desses dois grandes rios, não tivessem chegado de mão em mão alguns instrumentos dos dois metaes que la abundavam.—Que vieram ao rio da Prata sabemos com toda a evidencia, pelas narrações contemporaneas. Consta-nos até mui positivamente que cinco Europeos vindos com Solis, informados pelos Indios das riquezas existentes nas serras onde havia um «rei branco, que trazia bons vestidos como nós outros» se resolveram a ir la. E emprehendendo viagem, chegaram até uns «Indios comarcãos á serra que traziam na cabeça corôas de prata e umas pranchas de ouro dependuradas do pescoço e orelhas, e cingidos por cintas.»—Mandaram disto aviso por doze Indios a varios companheiros, que os não haviam querido seguir; e voltavam carregados de metal, quando, achando-se já n'um dos afluentes do Paraguay, talvez no Pilcomayo, foram acomettidos, roubados e mortos pelos Indios. Entre os que não tinham querido acompanhar os cinco aventureiros, mencionaremos a Henrique Montes e a Melchior Ramirez, que vieram estabelecer-se junto da ilha de Santa Catharina. Mais tres colonos deste tempo viviam ainda annos depois. Francisco del Puerto, que veremos servir de lingua aos navegadores do dito rio da Prata; Francisco de Chaves que se estabeleceu na Cananea; e Aleixo Garcia, que segundo a tradição, aprisionado joven, veiu a prestar importantes serviços na colonisação do Paraguay. Por esta simples menção de alguns nomes se pode colligir, como os colonos sós e desamparados se iam extendendo pela costa, apezar de algumas infidelidades dos naturaes. Das náos da India e dos navios dos contratadores ficavam alguns, sem embargo de estar isso prohibido por uma lei, que se incluiu nas ordenações [3] do Reino. Não tardaram em apare-

[1] Vej. a nota 19, no fim. O rio era chamado pelos naturaes guaranis Paraná-guaçú.

[2] Já em 1500 diziam ahi os Indios aos de Pinzon como para as bandas do sertão havia muito ouro. (Pedro Martyr, Dec. I, liv. 9).

[3] Ord. Man. V, tit. 112, §. 9 e 20.

SEC. II.

cer navios de França, e tambem muitos dos das suas tripolações passaram a terra, segundo devemos crer, vendo tantos Francezes aparecerem, annos depois, como grandes linguas dos Indios. Adiante trataremos de dois colonos portuguezes, residentes um na Bahia, outro nas terras de S. Vicente, desde 1510; e de um castelhano que assalvajado e gentilisado appareceu não longe do cabo de S. Roque; acaso este ultimo desde o tempo de Hojeda ou de Pinzon; ou de qualquer navio que por ahi aportára, segundo o costume, para traficar, ou para carregar escravos; visto que desde 1504 fora em Castella declarado legitimo o captiveiro dos Caribes; isto é, dos Canibaes, manchados não só pelo horror da antropophagia, como pelos vicios de nefandas bestialidades.—A'cerca dessa decretada escravidão, somente por agora diremos que, annos depois, a defendiam e sustentavam muitos religiosos [1] de S. Domingos e de S. Francisco; e que os meios coercivos, mais ou menos crueis, foram os que em todos os tempos geralmente se empregaram para domar ou submetter á razão, quer as turbas de Barbaros na Asia e na Europa, quer (ainda nas melhores idades do christianismo....) as multidões desenfreadas ou semi-barbarisadas.... A umas e outras por certo se referia Tacito dizendo que só conheciam os extremos: «ameaçam se vos não temem: intimidadas facilmente as contereis» [2]. E' sabido como, pelo que respeita aos demais Indios, adoptou Castella o arbitrio de os confiar a encommendeiros que se obrigavam a cuidar de sua reducção, educação e conversão [3].

[1] Herrera, III, 8, 10.

[2] «Nihil in vulgo modicum: terrere, ni paveant: ubi pertimuerint, impunè contemni». (Ann. I, §. 29).

[3] Herrera, I, 9, 14; I, 10, 12; II, 1, 11; II, 2, 6, etc.

SECÇÃO III.

ATTENDE-SE MAIS AO BRAZIL. PENSAMENTO DE COLONISAL-O.

Decorriam os annos, e o Brazil seguia sempre no mesmo estado, e o seu immenso littoral á mercê de qualquer navio que o procurava.—Não ha porque fazer censuras. Os reforços e os capitaes empregados na Asia produziam maior e mais immediato interesse nessa epocha de crise commercial, em que se effectuava em favor da Europa um grande saque das riquezas empatadas no Oriente. Alêm de quê, ainda sem considerar a questão sob miras economicas, é certo que Portugal tendo induzido os Turcos a levar a guerra até á Asia, aliviou por algum tempo a Europa do seu pezo ameaçador, e sustentando o commercio da especiaria por mar, consummou o pensamento de Lull de empobrecer bastante o Egypto. Assim, não fôra possivel durante essa luta distrahir muitos navios e forças para outro continente. A propria Africa, os adustos campos das então recentes glorias portuguezas, onde filhos de reis iam armar-se cavalleiros, começou a ser descuidada. E ainda supposto que ja então tivesse occorrido a idéa que depois nesse mesmo seculo occorreu, de que no Brazil poderia vir a organisar-se um grande Imperio, a metropole aguardava acaso para isso melhor occasião. A gloria que Portugal adquiriu na Asia custou-lhe entretanto a perda de muita de sua população, e o perverter em parte a indole dos seus habitantes, com tantas piratarias e crueldades. Em virtude dellas mais de uma geração o tem coberto de baldões, como se as crueldades e as piratarias não tivessem em todos os tempos sido apanagio das conquistas. Esses heroes da antiguida-

SEC. III.

de que em geral só comtemplamos pelo aspecto maravilhoso, tambem practicaram muitas crueldades e muitas injustiças; porêm como aos panegyristas, que nos transmittiram seus feitos, não faltou manhoso artificio para nol-o contarem a seu modo, occultando tudo quanto lhes não servia ao panegyrico, e nem todos os que leem são pensadores, succede que muitos, inconsequentemente, louvam e admiram na historia como heroicidades feitos identicos aos que em outra epocha, ou em outro paiz, condemnam como miserias e pequenhezas desta ou daquella geração. Se de todas as conquistas dos Gregos e dos Romanos tivessemos historias escriptas pelos seus inimigos ou rivaes talvez que não admirasse o mundo tantas proezas, nem tantos heroes.

Em quanto porêm Portugal se via a braços com grande numero de inimigos no littoral e mares da Asia, muitos armadores da Bretanha e Normandia, já avesados á navegação das costas de Guiné e da Malagueta, passavam não só a alguns excessos de pirataria com os galeões que vinham da India, como a traficar nas terras descobertas por Cabot e os Corte Reaes, e tambem ao Brazil, onde adquiriam quasi de graça generos que nos mercados europeos obtinham grandes valores, e os quaes lhes deviam produzir maiores vantagens do que aos contratadores portuguezes; por isso mesmo que não tinham, como estes, de indemnisar a corôa pela faculdade de commerciarem.—Debalde havia Portugal prohibido com duras penas aos seus «mestres de cartas de marear» o fazerem pomas ou espheras terrestres, e o marcarem nos mappas as terras ao sul do rio de Manicongo e das ilhas de S. Thomé e Principe [1]. Debalde prohibia que acceitassem seus pilotos e marinheiros [2] o serviço de mar de outras nações, pensando talvez com isso obstar á propagação dos conhecimentos nauticos pela Europa. Os ousados navegadores de Honfleur e de Dieppe frequentavam cada dia mais os portos do Brazil. As guerras da França não faziam diminuir o ardor e a actividade dos seus maritimos, estimulados por tantos lucros. Em 1516 [3] haviam chegado a Portugal taes noticias de suas navegações ao Brazil, que

[1] Alv. de 13 de Nov. de 1504 na Torre do Tombo.

[2] Ordenações Manuelinas, Liv. V, tit. 98, §. 2. Vej. tambem o tit. 88, §. 11.

[3] Se de todo se chegasse a decidir que o facto de que trata o opusculo de Dresda (Nota 19 no fim) se reffere ao anno de 1508 haveria que reconhecer que já neste anno vinham Francezes ao Brazil.

SEC. III.

elrei D. Manuel mandava por seus agentes representar contra ellas á corte de França [1]. E digamos desde já que tão poderosos se tinham feito alguns armadores, que nem o mesmo governo francez podia sujeital-os, e que Portugal, depois de haver exhaurido na França, perante os tribunaes, os parlamentos e a propria corôa, todos os recursos do foro e da diplomacia, se viu obrigado a transigir e a negociar com os mais notaveis corsarios, que eram João Affonso e o célebre João Ango, ao depois visconde de Dieppe [2]. Todos estes acontecimentos merecem uma historia especial que não duvidamos se escreverá algum dia; pois sobram para ella os documentos, dos quaes somente aproveitaremos agora o que mais de perto nos interesse. Sabemos que já em vida de elrei D. Manuel fôra o seu subdito Jacome Monteiro nomeado embaixador junto a Francisco I, com instrucções para representar ácerca das tomadias e das invasões nas suas conquistas, effectuadas umas e outras por maritimos francezes. A Monteiro succedeu João da Silveira mandado por D. João III, apenas subiu ao throno, com especial recommendação para que ponderasse quão triste era que se estivessem hostilisando no mar os subditos de dois reis e de duas nações que se diziam amigos. Apezar das reclamações que faziam, como levamos dito, os agentes portuguezes, emprehendera Hugues Roger com felicidade em 1521 uma viagem á nossa costa, e havia noticia de que se preparavam outros navios. Por fim, em 11 de Fevereiro de 1526, escrevia o embaixador João da Silveira, como em França se armavam dez navios para virem apoderar-se das embarcações que encontrassem.

Tal aviso a nosso ver decidiu Portugal a mandar ao Brazil de guarda-costa, neste mesmo anno, uma esquadrilha composta de uma náo e cinco caravelas, a qual findo certo prazo devia ser rendida por outra. Vinha por capitão mór Christovam Jaques, e trazia de chefes subalternos Diogo Leite com seu irmão Gonçalo Leite, e Gaspar Correa.—Jaques ganhou a costa do Brazil no fim do dito anno;—e fundeando no canal que separa do continente a ilha de Itamaracá, deu ali principio a uma casa de feitoria

1526. Nota no fim.

[1] C. de P. Correa de Bruxellas em 5 de Fev. 1517, na Torre do Tombo Corp. Chron. I, 21, 24.

[2] Ferdinand Denis, «Génie de la Navigation», pag. 113 a 115.

SEC. III.

junto do rio denominado pelos Indios de *Igára-açú* ou da Canoa-grande, designando assim os navios europeos que á sua foz ancoravam.—Em nosso entender foi esta feitoria a que, segundo se deduz das mais antigas narrações, primeiro se chamou de *Paranámbuco*, nome composto de dois [1] que na lingua dos Indios não querem dizer mais do que *Braço de mar*.

Deixando fundada essa feitoria, passou Jaques a correr a costa até o Rio da Prata, onde pouco tempo se demorou, regressando outra vez para o norte a cometter feitos que não tardaremos em commemorar. Primeiro nos cumpre dizer como por este mesmo tempo estacionavam ou navegavam nas aguas do nosso littoral, duas frotas, ambas de Castella. De uma que constava de tres náos era chefe Diego Garcia. Mandava a outra, com igual numero de navios redondos e mais uma caravela, Sebastião Cabot, filho do maritimo de igual apellido, que descobrira por Inglaterra as costas da America do Norte, por onde haviam tambem navegado os Corte-Reaes. Estas duas frotas haviam deixado a Europa um pouco antes que Jaques. Diego Garcia que partira primeiro aportou em S. Vicente; e tantos mezes ahi se demorou que parecia esquecer-se do seu destino, que era subir o Rio da Prata. Por meio da relação que de sua viagem nos transmittiu, não se nos recommenda como homem verdadeiro, nem polido, nem superior á mesquinha inveja, e deve ler-se com precaução. Cabot era mandado ás Molucas por este lado, reforçando outra armada maior que havia partido um anno antes, e da qual em breve daremos noticia. Aportou Cabot em Pernambuco, onde já encontrou a feitoria portugueza, e seguindo a navegação para o sul, só avistou de novo terra nas alturas da ilha, a que então poz nome de Santa Catharina. Os Indios lhe chamavam Jurumerim [2] ou segundo outros Jurerémerim [3].—Ahi fundeou Cabot, e logo de um porto visinho da parte do sul vieram visital-o muitos castelhanos, dos quaes uns ali viviam desde muitos annos, e outros desde mui pouco tempo, não havendo querido seguir ao dito D. Rodrigo de quem passaremos a tratar.

[1] «Paraná,» mar; e «Mbô» ou «Mbuk», braço.

[2] Simão de Vasconcellos.

[3] S. Leopoldo, Ann. p. 402. Outros dizem Xerimerim; e tambem Meyembipe.

SEC. III.

Era D. Rodrigo de Acuña o commandante da náo S. Gabriel pertencente a uma armada [1] que, em companhia de Garcia de Loaysa, de Hespanha partira, antes de Cabot e de Diego Garcia, com direcção ás Molucas, seguindo derrota pelo occidente. Essa armada, largando da Corunha em Julho de 1525, avistára em principios de Dezembro a costa do Brazil, ao sul do cabo de S. Thomé, e fôra, pela maior parte, desbaratar-se junto ao Estreito de Magalhães. Não é de nosso proposito contar esse desbarato; e baste-nos saber que D. Rodrigo achou no dito porto refugio, e encontrou varios companheiros de Solis, que bastecendo-o de agua, lenha e mantimentos, deram da terra taes informes que muitos da tripolação se determinaram a ficar nella, em vez de expôrem-se a novos perigos de mar. As exhortações de D. Rodrigo apenas poderam atrahir-lhe alguns poucos dos alvorotadores.

Nota no fim.

Daqui proveiu a este porto, que fica ao sul da dita ilha de Santa Catharina, o nome de *Porto de D. Rodrigo*, com que por muito tempo foi conhecido nos mappas e roteiros. Acaso tal porto seria o mesmo a que Solis, dez annos antes, chamara Bahia dos Perdidos, talvez em virtude dos mencionados seus companheiros que ahi lhe fugiram ou se perderam; se é que esses individuos não houvessem effectivamente ficado por ahi voluntariamente ou desgarrados já desde 1508.

Com trinta e dois homens menos de tripolação, fez-se por fim D. Rodrigo de vela para o Rio de Janeiro. Neste porto convocou a sua gente a conselho: no qual foi resolvido que a náo em vez de seguir para as Molucas voltasse á Hespanha, com alguma carregação de páo-brazil. Dirigiu pois D. Rodrigo o rumo para o norte e entrou na Bahia.—Ahi a tripolação se lhe diminuiu de nove homens, que indo a terra la ficaram devorados pelos selvagens, segundo se julgou.

Saindo da Bahia para o norte, pela muita agua que fazia a náo, tratou de arribar, e deu-se a casualidade de que, meiado Outubro, fosse entrar justamente n'um porto proximo do rio de S. Francisco, no qual se achavam carregando de brazil duas náos e um galeão de França. Os capi-

[1] Vej. Herrera, Dec. III; 7.º; 5, 6 e 7.—Vej. tambem Gav. 2, 10, 20, a C. de Antonio Ribeiro, de 28 de Fev. 1525, da Corunha.

SEC. III. tães francezes ao principio offereceram protecção a D. Rodrigo, mandando-lhe até dois calafates; e quando, passados oito dias, se achava a náo hespanhola virada de crena, e impossibilitada de navegar, cairam na fraqueza de ir accommettel-a, intimando a D. Rodrigo que se rendesse. Vendo este que a resistencia era impossivel, metteu-se no batel, foi ter com os Francezes, e conseguiu delles tregoas, ficando de lhes dar vinho e azeite, que diziam carecer. Em quanto porêm se negociavam estas tregoas, e os Francezes tendo o capitão castelhano em refens, se descuidavam da náo aggredida, ella conseguia não só empinar-se e surgir boiante, como picar as amarras, e fazer-se de vela. Quando os Francezes despertaram do seu descuido, já a náo hespanhola ia barra fôra, sem o capitão, nem os marinheiros que o haviam acompanhado. Em vão D. Rodrigo lhes bradava e fazia signaes, em vão os seguia, em um batel á vela. A náo S. Gabriel já nem nas promessas do seu proprio capitão confiava, que a tanta desconfiança levam os desenganos das promessas não cumpridas.

Seguiu D. Rodrigo no batel todo aquelle dia e parte do immediato. Porêm..... baldados esforços! A náo tinha desaparecido no horisonte, e o seu legitimo commandante e fieis remeiros, exhaustos de forças, emproavam para terra e iam varar á costa, a umas dez leguas para o norte do porto donde haviam partido;—naturalmente na paragem que se ficou até hoje chamando os *Baixos de D. Rodrigo*, quasi defronte do rio Cururipe. Dahi se dirigiram por terra, bastante expostos aos selvagens, a ganhar outra vez o porto que acabavam de deixar.

Ja tinham delle partido as duas náos francezas, e só ficava o galeão. Neste se alojaram os tristes por mais de um mez; mas acabando o mesmo galeão de carregar, fez-se de vela, desamparando os miseros em um batel, sem mantimento algum!

Não havia porêm soado a hora final aos pobres desamparados. Entregues á providencia, seguiram pelos mares durante vinte dias, nutrindo-se apenas de algum marisco e da pouca fruta que acertavam de colher pela costa, até que na ilha de S. Aleixo, lhes deparou Deus porto, onde poderam refazer-se. Nessa ilha tiveram a fortuna de encontrar alguma farinha de trigo, uma pipa de bolacha molha-